

À luz da filosofia - leituras e contribuições para a prática docente

Patrícia Colavitti Braga Distassi¹
Mary Julia Martins Dietzsch²
Adalberto Miranda Distassi³

Resumo: O presente artigo tem como objetivo apresentar reflexões acerca da Educação, da formação de professores, da construção da identidade e da prática docente concebidas à luz do Mito da Caverna, presente no Livro VII da República de Platão, bem como pretende apresentar uma proposta de leitura intertextual realizada entre esse texto e os quadrinhos de Maurício de Souza.

Palavras Chave: Educação, Mito da Caverna, Leitura.

In the light of philosophy_ readings and contributions to teaching practice

Abstract: This article aims to present reflections on education, training of teachers, the construction of teaching practice and identity designed in the light of the Myth of the Cave, present in Book VII of Plato's Republic, as well as strive to present intertextual readings held between this text and the comic of Maurício de Souza and the film "Dead Poets Society".

Keywords: Education, Myth of the Cave, Reading.

Prática de Leitura: A caverna - alegoria e filosofia: mel e chuva no sertão dos enigmas

Nos cursos de formação de professores é muito comum nos depararmos com pessoas bem intencionadas em relação a si mesmas e aos outros, mas que foram educadas pelas sombras ou tiveram que se curvar aos grilhões sociais. Assim sendo, acreditamos que o primeiro passo para iniciar o educador na prática efetiva da leitura, para a sua construção enquanto leitor hábil, e, para a sua preparação enquanto educador que forma alunos leitores, seja atentá-lo para a existência de sombras que se apresentam como imagens verdadeiras e, por meio de seus "feitiços" alienam o sujeito, submetem-no e só ensinam lições dessa natureza vaga, para serem propagadas.

E, isso, poderá ser feito por meio de exercícios de leitura motivados por obras como "O mito da Caverna" que convidam o leitor a refletir sobre o ato de leitura e a educação e entendê-los como frutos de ações criativas, críticas, formadoras e transformadoras e, então, munidos desse pensamento e consciência, estejam aptos a ler, ao mesmo tempo, o texto e a si mesmos, envolvendo em processos de reflexão e reforma do pensamento acerca do que seja a leitura e das possibilidades infinitas que o leitor tem nela se reconhecer e nela se projetar e de como a educação pode ser construída, tendo a leitura como uma das suas estratégias mediadoras.

Então, conscientes dessa situação, acreditamos que o primeiro passo no processo de formação seja utilizar a prática da leitura para se ensinar o indivíduo a ler a si mesmo e ao mundo, indo além das sombras, pois, assim, voluntariamente, é que a visão de mundo antes estreita e pouco maleável, alarga e, o educador pode governar seu olhar e mediar a autonomia de seus alunos para governarem o olhar deles.

¹. Doutora em Educação Feusp. Coordenadora dos Cursos de Pedagogia e Letras, Extensão Universitária e de Pesquisa no Instituto de Educação Superior e Faculdade Ceres.

². Livre-docente da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Doutora em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano.

³. Mestre em Ciências e Práticas Educativas pela Universidade de Franca (2004). Professor titular do Instituto Superior de Educação Ceres e da Faculdade Ceres.

Para tanto, elegemos “O mito da caverna” - uma alegoria utilizada para explicar como devem ser educados aqueles que governarão as cidades - pois essa narrativa se oferece como uma história que cumpre a função de ensinar, explicar e justificar ocorrências da realidade por meio da relação entre a história e a filosofia. Platão, por intermédio dessa história conceitua a educação, sugere diretrizes para que ela ocorra, bem como tece reflexões sobre os benefícios oferecidos a quem tem acesso a ela, e sobre as conseqüências para os que dela forem privados.

No contexto deste trabalho, a caverna seria a leitura superficial, o posicionamento do professor enquanto um limitador ou juiz da leitura de seus alunos ou enquanto sujeito que se resigna e é passivo às tragédias e comédias da vida. Em função dessa acomodação, somente vislumbra e desenvolve a inaptidão para criar os seus próprios mundos, para esculpir a concretização de seus ideais e, além disso, é incompetente para revisitar e reformar o pensamento acerca das práticas de leitura que vivenciou e conceber práticas adequadas ao contexto sócio-temporal em que está inserido.

Nos cursos de formação de professores a que nos referimos (Letras, Ciências Sociais e Normal Superior) essa prática de leitura, por meio da análise da alegoria utilizada por Platão, propicia que os graduandos reflitam sobre as cavernas que engolem sua própria existência e a da humanidade; a partir daí, conduzidos pela reflexão filosófica se reposicionam quanto a sua visão de mundo e até mesmo quanto a sua forma de agir; nesse processo, a maioria escolhe libertar-se dos grilhões e ousam vislumbrar a luz, outros se conscientizam de que estão sendo enfeitizados pelas sombras, mas não conseguem, naquele momento, modificar-se completamente, porém, já estão alertados e, possivelmente, na hora propícia, escolherão o norte correto para empenharem sua caminhada.

Além de utilizá-lo como fundamento para a reflexão e para a formação de professores, esse mito também pode ser utilizado para levar as crianças e os adolescentes a visualizar, compreender e escolher os papéis que assumirão na sociedade. Para tal, utilizamos o mito deslocado e adaptado por Maurício de Souza (e, alhures, as fotos de Sebastião Salgado), pois é fundamental para o processo de formação do leitor hábil, que ele possa estar consciente das cavernas que o ameaçam, das ideologias paradoxalmente escondidas e expostas em cada sombra.

A atemporalidade do mito da caverna e das reflexões filosóficas desenvolvidas por Platão é notável, pois suas afirmações pautam, hoje, as discussões acerca das relações de ensino e da Educação em sentido global; o que será reafirmado pela leitura comparada entre o mito, o cinema e a história em quadrinhos. Sendo assim, utilizaremos fragmentos do filme “Sociedade dos poetas mortos”, com a finalidade de observar como o cinema reflete a visão que a sociedade tem da “caverna- educação” e relacioná-la à visão revelada pela história, bem como o quadrinho “Show da Vida” de Maurício de Souza e, em outro estudo, as fotos de Sebastião Salgado.

Em síntese, relataremos nesse trabalho um exercício de leitura que desenvolvemos com nossos alunos que visa à reflexão sobre a formação do homem e sobre a educação. Para tanto, o trabalho se desenvolve por meio das seguintes fases (as quais descreveremos abaixo):

- I- Leitura do mito da caverna.
- II- Leitura do mito à luz da educação.
- III- Reflexão sobre a relação entre o mito e a realidade, desenvolvida a partir dos quadrinhos de Maurício de Souza.
- IV- Observação de como a arte cinematográfica recria essa caverna.

V- Em alguns cursos de práticas pedagógicas, após a reflexão sobre mito, propusemos aos alunos que elaborem um roteiro teatral, a partir do mito, e representem “As cavernas que aprisionam o homem comum, o educador e o aprendiz”. O objetivo dessa prática é que possam vivenciar uma experiência estética, existencial, catártica, a partir da leitura e reflexão do mito.

As cavernas na rota dos enigmas: interdição e epifania

Esse mito referido por Platão em um de seus diálogos (em que focaliza uma conversa entre Sócrates e Gláucon) configura-se em um excelente referencial no qual o educador deve basear para a construção do “ser educador” e para constituição de sua postura e proposta pedagógica e política como formador de cidadãos engajados. Essa história, mostra-nos, por meio de uma retórica ilustrativa⁴ a tentativa de interdição daquele que vê a luz e tenta mostrá-la aos companheiros que se satisfazem com um espetáculo de reprodução da realidade.

Na Introdução do Livro *A República* (Platão: 1993, XXX) Maria Helena da Rocha Pereira faz uma síntese do mito:

Homens algemados de pernas e pescoços desde a infância, numa caverna, e voltados contra a abertura da mesma, por onde entra a luz de uma fogueira acesa no exterior, não conhecem da realidade sena as sombras das figuras que passam, projetadas na parede, e os ecos de suas vozes. Se um dia soltassem um desses prisioneiros e o obrigassem a voltar-se e olhar para a luz esses movimentos ser-lhe-iam penosos, e não saberia reconhecer os objetos. Mas, se o fizessem vir para fora, subir a ladeira e olhar para as coisas até vencer o deslumbramento, acabaria por conhecer tudo perfeitamente e por desprezar o saber que possuía na caverna. Se voltasse para junto dos antigos companheiros, seria por eles troçado, como um visionário; e quem tentasse tirá-los daquela escravidão arriscar-se-ia mesmo a que o matassem.

Para a estudiosa, o mito da caverna é uma alegoria que retrata a encenação de um drama cujas personagens poderíamos ser nós, educadores e professores, protagonistas, coadjuvantes e adjuvantes de diversos tipos de educação. E, por meio da retórica da ilustração, seriam envolvidos estética, filosófica e politicamente e, dessa forma, explorariam as paixões que nos amarram aos grilhões, que impedem nossas cabeças de alcançar um novo horizonte e nos fascina pela adoração das sombras. Dessa forma, vivenciaríamos uma catarse e, na epifania por ela despertada, adentrar-nos-íamos nas crateras ora iluminadas, ora escuras da filosofia para encontrar um novo caminho, o da reflexão sobre a educação e a falta que ela nos faz.

Como podemos observar por meio da leitura do texto, na primeira parte, há a focalização das personagens do drama: homens acorrentados e imóveis desde a infância, perdurando na mesma posição geração após geração e sombras de imagens; os homens contemplam sombras e acreditam que estão vislumbrando a verdadeira realidade, pois como estão privados de movimentação e de redirecionar suas ações, ouvem suas próprias vozes, as quais ecoam e criam a ilusão de que o som propagado vem das sombras e, enfim, acreditam que as sombras são seres vivos e falantes, isso é tudo o que conhecem.

⁴ Entenda-se retórica ilustrativa como a organização dos conceitos e argumentos por meio de sínteses reflexivas e da comprovação dos mesmos por meio de exemplos figurativos; assim, por meio das ilustrações, o autor se faz acreditar.

Na segunda parte da alegoria mítica, um dos habitantes da caverna ascende, liberta-se e vai à direção da luz que ilumina a caverna. No entanto, essa libertação é motivada por uma entidade exterior: *E se o arrancassem dali à força e o fizessem subir um caminho rude e íngreme, e se não o deixassem fugir antes de o arrastarem até a luz do Sol*”, e nesse momento o homem ficaria cego por alguns instantes devido à intensidade da luz (Platão: 1993:320).

Essa entidade libertadora não é um ser comum, um homem como os outros habitantes na caverna, é alguém que está fora dela e possui poder para livrar o ser dos grilhões e fazê-lo subir, ou força para arrastá-lo para fora. E, ainda, tem ousadia para romper paradigmas, e, por isso, pode ser tida como um ser mítico, divino, com poderes sobrenaturais e com conhecimento da verdadeira essência do real, do sol verdadeiro, alguém que contempla a luz do dia e da noite e permite que outro também o faça. Por intervenção dessa entidade, o homem que contemplava sombras é libertado, conhece o deslumbre, a cegueira e também a verdade.

Essa idéia pode ser reafirmada pela seguinte explicação simbólica de Chevalier: “Segundo uma opinião mais mística, Dioniso é, ao mesmo tempo, o guardião do antro e aquele que dele libera o prisioneiro ao romper suas correntes” (1997:213). Em relação a isso, Mage, citado por Chevalier diz: “Como iniciado é um Dioniso, na realidade é ele mesmo quem se mantém aprisionado no começo, e ele mesmo é quem se libera no final, ou seja, segundo a interpretação de Platão e Pitágoras, a alma é mantida em prisão por suas paixões e liberado pelo Nous, i.e., pelo pensamento” (290-291)

Poderíamos relacionar essa passagem a uma das teorias sobre o início da filosofia – a de que o mito é que dá seguimento à filosofia – pois, inicialmente, o homem cria os mitos para explicar, justificar, ensinar sobre uma realidade que se fazia incompreensível. Mas, a um determinado tempo, as alegorias não são mais suficientes por si só, e, superando os seus significados, o homem começa a olhá-las nas entrelinhas, extrair e atribuir-lhes outros sentidos, e, assim, pensar e refletir sobre elas.

Assim, talvez tenhamos uma das justificativas para o nascimento da filosofia. E, relacionando essa afirmação ao mito em questão, poderíamos brincar com a poética das alegorias e dizer que o nascimento da filosofia deu-se assim: é como se os deuses tivessem arrancado o homem das trevas da caverna para que se tornasse filósofo; pois o homem, por meio do contato com a figuratividade das imagens produzidas pelas narrativas míticas, passou a refletir sobre essas imagens, em uma busca – que deixou de ser religiosa para tornar-se racional – da explicação plausível para as relações entre o homem e seu universo.

E, então esse caminhante, antes cego, da rota dos enigmas percebeu que as imagens dos mitos eram alegorias, sombras e que a verdadeira realidade estava na razão, no mundo das idéias, na filosofia. Portanto, se entendermos o homem que saiu da caverna como o filósofo, como Platão sugere, quem libertou a filosofia foram os deuses, o mito; pois o homem, parte dos mitos para deixar erigir a razão que, a partir de então, deverá governar seu destino.

Em virtude da aceitação desse ato ousado, o liberto tem como recompensa o deslumbre e a cegueira provocada pela luz; nesse momento, o homem encontra-se com o caos instalado pela confusão provocada por seus sentidos; mas à medida que seus olhos se habitua à claridade, o caos se reorganiza e ocorre a distinção ente graus do conhecimento e, dessa maneira, o liberto conhece também a perplexidade a respeito do que é mais verdadeiro e real:

No entanto, depois se habituaria “Precisava de se habituar, julgo eu, se quisesse ver o mundo superior. Em primeiro lugar, olharia mais facilmente para as sombras, depois disso, para as imagens dos homens e dos outros objetos, refletidas na água e, por último, para os próprios objetos” e, finalmente, seria capaz de contemplar o céu, a Lua, as estrelas e o Sol, depois compreenderia “acerca do Sol, que é ele que causa as estações e os anos e que tudo dirige no mundo visível, e que é o responsável por tudo aquilo que eles viam um arremedo” . (Platão, 1993:320)

E finalmente, na terceira parte, esse homem decide regressar à caverna; retoma a rota dos enigmas a fim de mostrar aos seus companheiros a interdição a que estão submetidos e o norte para a superação da realidade, pela epifania provocada pela visão da verdadeira realidade. Restitui-se o cenário da caverna e introduzem-se novos elementos: o olhar dos prisioneiros em oposição ao olhar do libertado; a irônica disputa pelo que é considerado poder na caverna; a perspicácia de prever o comportamento das sombras; aos vencedores, a distribuição das honrarias; aos perdedores, a cristalização e concretização pública de sua condição de inferioridade e a submissão desses à resignação como castigo por sua incompetência. Vale ressaltar que essa prática constitui o núcleo das relações políticas.

Nesse último momento do texto, reitera-se que aqueles que desconhecem a verdade efetiva dos fatos e da sua própria condição, mantêm-se satisfeitos com a caverna e com tradicionais honrarias e exercícios de poder que nela se promovem; e, ainda, adoram e se regozijam com as sombras que lhe agradam, especialmente porque as “falas” dessas são reproduções das falas dos prisioneiros. Os ecos das vozes não provocam, não inserem o novo, apenas fazem a manutenção do que já existe pela reprodução perfeita e alongada; essas falas induzem à concentração naquilo que está tradicionalmente instituído e que não permitem reforma, pois não têm essência para isso. Os prisioneiros se contentam com a reprodução inquestionável de suas falas e contemplam o eco de sua superficialidade, a qual acredita ser a verdadeira essência. Isso ocorre porque não conheceu outras imagens ou vozes senão àquelas que estão na caverna há tempos imemoriais, já que visão de mundo que têm, ou os seus pensamentos estão cerceados por grilhões.

Como podemos notar, essas sombras não confrontam, não incomodam, por não sugerirem a “desacomodação”; elas servem ao objetivo medíocre de reforçar as crenças constituídas, dominantes há gerações e, por isso, cristalizadas e veementemente defendidas por aqueles que são, por ela (a crença nas sombras), privilegiados. Esses prisioneiros são leais à satisfação promulgada pela ignorância e, por isso, não admitem e nem permitem as modificações estruturais e sociais propostas por um deles que ascendeu e se diferenciou pela sabedoria despertada pela luz do sol, pela visão da verdade efetiva dos fatos.

Além disso, pode-se constatar em toda a história do homem (real ou ficcional) que o fraco admite e suporta a libertação, o poder, a genialidade de uma divindade, do mito consagrado, jamais, porém, a de um ser humano comum, tal qual ele; pois isso, significaria saber que essa superação da realidade é acessível a todos que abdicarem da condição de acomodação; o que provavelmente, justifica o fato de que esses prisioneiros medíocres, fracos e acomodados não se voltaram contra a entidade que libertou o primeiro prisioneiro, porque ela era divina; no entanto, o fizeram ferozmente contra aquele que saiu e retornou modificado, com o olhar arregalado e a mente ativa: o filósofo. Desde o princípio da história da humanidade, pode-se perceber que é característica dos medíocres, dos satisfeitos com a ignorância e com a acomodação dos sentidos, a

improbabilidade de aceitar e se resignar ao fato que seres mortais como eles, por esforço e ousadia ascendam, evoluam e alcancem patamares mais altos da estrutura social.

Dessa forma, ao perceber a elevação e a evolução intelectual e política do outro, é que o homem aprisionado em sua ignorância e na defesa da mediocridade se mostra ameaçador; ele vê a necessidade de destruir o semelhante que se destaca e mostra habilidades e competências transformadoras da realidade, que expõe, portanto, a incompetência daqueles que eram privilegiados e honrados pela antiga tradição.

E assim faz-se a manutenção da tradição da ignorância, da mediocridade e da privação, pois, todos têm força criativa enraizada na sua natureza humana e, se não a utilizam para modificar e melhorar a própria condição e a condição daqueles que estão próximos, ao sentirem-se ameaçados, a utilizarão para agredir, deturpar as idéias trazidas, a verdade pregada, enfim, para aniquilar aquele que tentava lhe iluminar um outro percurso na rota dos enigmas, revelando-lhes outras linguagens e imagens, superiores às sombras simplesmente porque são reais e:

E se lhe fosse necessário julgar daquelas sombras em competição com os que tinham estado sempre prisioneiros, no período em que ainda estava ofuscado, antes de adaptar a vista _ e o tempo de se habituar não seria pouco _ acaso não causaria o riso, e não diriam dele que, por ter subido ao mundo superior, estragar a vista, e que não valia a pena tentar a ascensão? E a quem tentasse soltá-los e conduzi-los até cima, se pudessem agarrá-lo e matá-lo, não o matariam? (1993:321)

Há que se observar que os olhos do liberto que regressa ao fundo da caverna se habitua novamente com as trevas, mas passada a ofuscação do regresso, ele ainda tem as melhores condições de compreender a verdadeira natureza das coisas. E é justamente isso que buscamos ao desenvolver um trabalho com essa alegoria, pois, ao refletirmos sobre as associações entre as alegorias contidas nesse mito e a realidade, auxiliamos no processo de libertação daqueles que estão aprisionados em suas cavernas particulares ou nas cavernas impostas pela sociedade, eles são expostos à luz do sol e, mesmo se regressarem à caverna, para ficar, ao invés de libertar outros, a visão que terão da vida já não será a mesma, pois contemplaram a verdade efetiva dos fatos, vivenciaram a experiência estética, e, por isso, mesmo que limitadas, as suas concepções de mundo jamais serão as mesmas. Por outro lado, aqueles que se negam a sair da caverna perdem suas possibilidades de evolução intelectual, moral, psicológica e serão superados por outros que descobriram a necessidade de buscar e produzir conhecimento.

Essa reflexão pode ser conduzida por questionamentos mediados pelo professor ou sugeridos pelos próprios aprendizes, como por exemplo:

- O que é a caverna para o homem comum, para o professor e para o educador na atualidade?
- Quais são as cavernas que estão dispostas a deglutir o cidadão comum, o educador, o professor e o aprendiz?
- O que são as sombras nas paredes da caverna? O que elas simbolizam no cotidiano da sociedade comum e escolar?
- Quem ou o que as constroem? E as mantém?
- O que é a luz que ilumina a caverna no mito e o que ela simboliza na realidade?
- Quem é o prisioneiro que se liberta? E, por que o faz?
- Quem fica na caverna? Por que o faz?

Mediando a leitura que adentra a Caverna

Após apresentarmos esses questionamentos, iniciamos a mediação da reflexão por meio de um estudo sobre a imagem da Caverna, que apresentaremos abaixo; pedimos para que os alunos façam o deslocamento⁵ e a leitura comparada do símbolo em questão.

A história se configura em um espaço subterrâneo profundo, escuro, em forma de caverna, com uma entrada aberta, onde entra luz. Nesse lugar vivem homens aprisionados, desde a infância, por grilhões que os forçava a manter a imobilidade eterna de suas cabeças. Há, nesse espaço, um caminho ascendente que conduz para o exterior da caverna, porém, os habitantes estão mais envolvidos e preocupados em deflagrar suas habilidades e competências, por cima de um tapume; outros se preocupam em carregar estatuetas que imitam a natureza e o ser humano, enquanto outros, ainda, contemplam as sombras projetadas pelo fogo na parede oposta da caverna e pensam ser essas sombras a verdadeira realidade, já que só conheciam aquilo.

Segundo Chevalier, Dicionário de Símbolos (1997), para Platão a caverna é o reino da ignorância, do sofrimento e da punição; esta situação é similar à situação dos homens na Terra. No entanto, a luz indireta que ilumina suas paredes provém de um sol que indica o caminho que a alma deve seguir para encontrar o Bem e a Verdade:

A subida para o alto e a contemplação daquilo que existe no alto representam o caminho da alma para elevar-se em direção ao lugar inteligível. Em Platão, o simbolismo da caverna implica, portanto, uma significação não apenas cósmica, mas também ética ou moral. A caverna e seus espetáculos de sombras ou de fantoches representam esse mundo de aparências agitadas, do qual a alma deve sair para contemplar o verdadeiro mundo das realidades _ o mundo das idéias. (A República – livro VII, 514,ab) (CHEVALIER:1997:213)

Na caverna instituiu-se uma ordem, a qual é mantida pela tradição e todos se resignam a obedecer. Sendo assim, acostumados às imposições da tradição, os prisioneiros contemplam aquilo que lhes é destinado como desígnio da verdade absoluta das coisas e, constroem, nesse universo, um código de conduta baseado na da reprodução de comportamentos, na contemplação de sombras que são possibilitadas pela existência de um fogo artificial.

Ademais criam um sistema de honrarias que serão agraciadas àqueles que conseguirem prever o comportamento das sombras; ou seja, é atribuído valor social elevado àquele que se integra mais fielmente aos princípios da caverna e consegue “dominá-los”; situação bem irônica, pois se sabe que quanto mais se concentra nos simulacros, mais alheio se fica ao sensível, ao conhecimento verdadeiro e complexo.

É importante ressaltar que na visão comprimida e circunstancial desses prisioneiros, a caverna não se configura como um espaço de opressão ou interdição, pois eles não têm a possibilidade de sequer, olhar para o lado e comparar a sua realidade com qualquer outra coisa que possa existir. A caverna é a única referência que têm e nela, há até um sistema de honrarias, do qual, todos poderão fazer parte um dia... tal qual nos revela a televisão, com suas propagandas e ideologias.

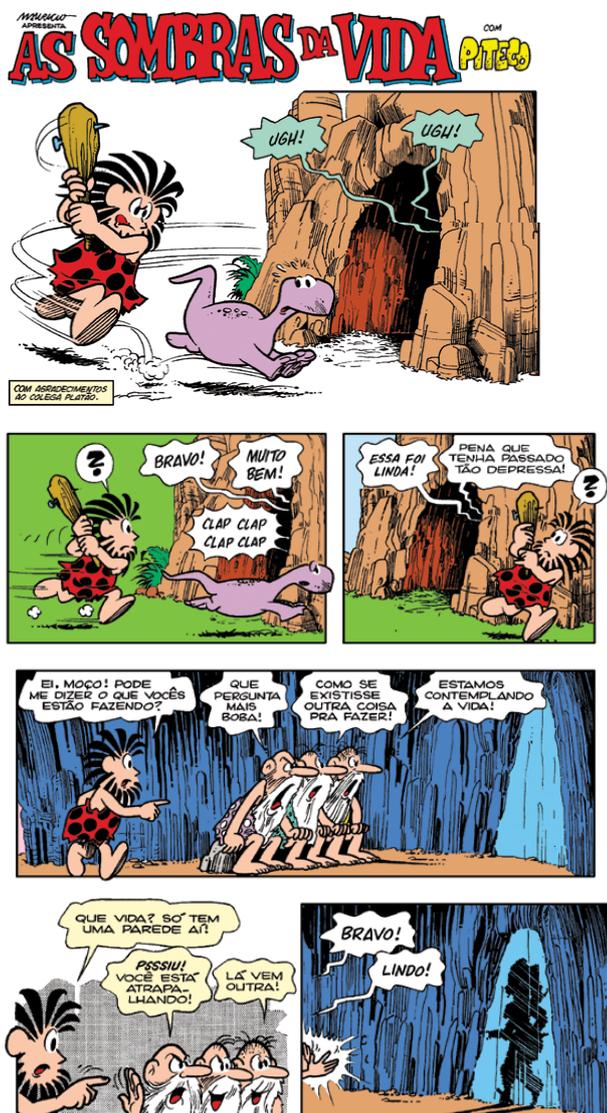
Chevalier afirma que a caverna pode ainda ser o arquétipo do útero materno, a caverna figura nos mitos de origem, de renascimento e de iniciação de numerosos povos (1997:212) e a partir dos estudos desenvolvidos por Mircea Eliade, o estudioso dos símbolos explica que diversos ritos de passagem tinham a caverna como cenário,

⁵ Ou seja, pedimos para que tragam a história para o tempo atual e adequem as alegorias ao tempo e ao espaço presentes.

um espaço que simbolizava um regresso ao útero, propiciador de um renascimento. Para tanto, os iniciados eram acorrentados dentro da gruta; dali deveriam conseguir escapar para alcançar a luz (1997:213).

O que percebemos é que esse ritual se prolonga pela eternidade e muitos iniciantes na educação são postos na caverna, mas não têm impulso para a transcendência e, ali, sem atravessar o portal, não fazem, jamais, a passagem necessária para a libertação e para a contemplação da verdade; presos no útero da tradição, da acomodação não renascem para a vida enquanto seres ativos, pensantes, hábeis para desvendar os enigmas que se propõe no percurso da existência, para transformar a realidade pela habilidade do olhar, pela luz propagada pelo conhecimento complexo, pela ciência e pela arte.

É nesse momento, que introduzimos os quadrinhos “As Sombras da Vida”⁶, para mediar o deslocamento do mito e da reflexão filosófica, mostrando-lhes que a caverna permanece nos aprisionando, tendo mudado somente a sua roupagem.



⁶ Que recriam o mito a partir de uma ironia à televisão que aprisiona o homem em sua ciência de sombras coloridas e falantes. www.turmadamonica.com.br



Copyright © 2002 Mauricio de Sousa Produções Ltda. Todos os direitos reservados.



Copyright © 2002 Mauricio de Sousa Produções Ltda. Todos os direitos reservados.





Copyright © 2002 Mauricio de Sousa Produções Ltda. Todos os direitos reservados.



Copyright © 2002 Mauricio de Sousa Produções Ltda. Todos os direitos reservados.



Copyright © 2002 Mauricio de Sousa Produções Ltda. Todos os direitos reservados.

Mediando a leitura que transcende a caverna

A partir de seu diálogo com Glaucón, Sócrates conclui que as reflexões sobre essa alegoria do drama da educação da humanidade devem ser utilizadas em todas as instâncias da educação e da política. Essa alegoria da caverna constitui uma sinopse do curriculum do filósofo, do educador, do ator social que vive o “jogo do poder”, a “disputa e o exercício do poder”, do poder ser cidadão, do poder ver a realidade verdadeira, do poder enxergar as entrelinhas, do poder atribuir significados aos textos por meio da leitura, do poder criador de mundos por meios de múltiplas linguagens.

A universalidade e a atemporalidade da narrativa mítico-filosófica remete às instituições escolares, que, comumente, assemelham-se às verdadeiras cavernas, lugares onde se busca transcender a “terra” e atingir o “céu”, o mundo das idéias, em um rito de passagem da condição de ignorância para a de sapiência, onde, factualmente, muitos protagonizam a função de reprodutores de uma realidade ideal para poucos e exercem o papel de guardiões da manutenção das diferenças de classes sociais, da interdição do ser integral, constituído independentemente da classe social a que pertence ou pertenceu; da castração de suas epifanias, do aprisionamento das pernas do cidadão preparado para vencer os enigmas entrelaçados nos caminhos de seu destino e para utilizar suas competências e potencialidades para superar a sua realidade.

Muitas escolas estão tomadas por guardiões que impedem a atribuição de nuances de modernidade a modelos de ensino superados e cristalizados e aplaudem as sombras como se estivessem diante de uma verdadeira experiência estética. Nessas escolas, quando alguns daqueles “prisioneiros do reino das idéias ultrapassadas” é libertado, vê a luz e a verdadeira realidade, e, por isso, a supera, e quer voltar ao “útero, ao seu lugar de origem” conduzir outros a fazê-lo também, é exemplarmente ameaçado, tem suas idéias questionadas e o sentido de suas propostas deturpado e, se ousar continuar a olhar e a tatear a pedras do caminhos, será exemplarmente punido pelos seus antigos companheiros.

No entanto, embora o educador, ciente de sua responsabilidade social, sempre esteja fadado a sofrer tentativas de interdição, deverá estar também ciente de que cumpriu a verdadeira função da educação: ser educador, pois, após obter o conhecimento e as experiências por ele proporcionadas, retornou à caverna, um simulacro da realidade em que figuravam situações distorcidas, no que se refere à vivência e convivência com o mundo do saber e, tentou libertar a alma dos que lá estão, por meio da informação e da formação complexa; arriscou-se para revelar a verdade, na tentativa de conseguir resgatar, ainda que seja, um único ser, de conseguir promover, nesse, uma formação integral, o caminho único para que esse sujeito possa atingir a complexidade e se firmar com autonomia, capaz de superar a condição de sombra humana, tão defendida por aqueles que não aprenderam a sentir a força da centelha divina da ciência e da arte.

O Parto da Alegoria: A filha Sofia da Educação

Para nós educadores, a luz que ilumina a caverna e nos faz pensar e transcender as sombras é a sabedoria promovida pela leitura, construída a partir da vivência e da convivência com as imagens verbais e não-verbais. Como se pode notar, em nosso trabalho, buscamos fazer a maiêutica do saber por meio das alegorias, construídas pelos textos e flagradas pela leitura, e, por assim ser, podemos afirmar que no parto do alegoria, desejamos auxiliar no ato que traz à luz, sua filha “Sofia”, a sabedoria sobre a educação.

Essa filha “Sofia”, nasce após a descrição do enredo do mito platônico. E faz ecoar uma reflexão acerca da Educação e da sua ausência:

Temos, então - continuei eu - de pensar o seguinte sobre esta matéria, se é verdade o que dissermos: a educação não é o que alguns apregoam que ela é. Dizem que arranjam a introduzir ciência numa alma em que ela não existe, como se introduzissem a vistas em olhos cegos.

- Dizem, realmente.

- A presente discussão indica a existência dessa faculdade na alma e de um órgão pelo qual aprende; como um olho que não fosse possível voltar das trevas para a luz, senão juntamente como todo o corpo, do mesmo modo esse órgão deve ser desviado, juntamente com a alma toda, das coisas que se alteram, até ser capaz de suportar a contemplação do Ser e da parte mais brilhante do Ser. A isso chamamos o bem. Ou não?(1993:323)

O filósofo faz-nos compreender que a educação não é um processo vazio de imposição de conhecimentos ou da transmissão instantânea do mesmo, de depósito de informações em uma alma leve e transparente. Educar é um ato complexo, gradual e se concebe por meio de uma sucessão de ações dialéticas, mediadas em um percurso longo e denso na rota dos enigmas da leitura, da expressão lingüística e artística, das relações sociais, políticas, que, muitas vezes envolve grande resistência; mas que ocorre pela continuidade e por outra forma de resistência: a permanência, a defesa flexível dos ideais, com vistas à evolução da condição intelectual e política do ser, possibilita pelo saber que ele assimila da realidade e até mesmo da ficção e das alegorias por ela produzida, mas, principalmente pelo desejo e habilidade de transformar despertada pelo ensino: “A educação seria, por conseguinte, a arte desse desejo, a maneira mais fácil e mais eficaz de fazer dar volta a esse órgão, não a de o fazer obter a visão, pois já a tem, mas uma vez que ele não está na posição correta e não olha para onde deve, dar-lhe os meios para isso” (1993:323).

Daí, concluímos que cabe ao educador promover, por meio de procedimentos estimuladores, incentivadores e motivadores, o encontro e a provocação da alma do aprendiz, despertando-lhe a consciência da necessidade e o ímpeto pelo aprender. O educador que se preocupa em realmente mediar as relações de ensino-aprendizagem, que expõe as possibilidades, apresenta problemas para serem solucionados e estabelece meios para o desenvolvimento do desejo e do hábito de aquisição e construção do conhecimento. E, assim tanto educador quanto aprendiz envolvem-se em um movimento de compreensão de seus papéis na sociedade, de exercício para a libertação dos grilhões impostos pela sociedade interditora e de disposição para a busca do mundo das idéias e da revelação da verdade, do conhecimento e da autonomia do sujeito e, assim, tomar parte na composição de um ser integral, dono do seu conhecimento, fruto das vitórias sobre o desafio da complexidade, alcançadas a partir da aquisição da sabedoria, da integração com o mundo das idéias, com as experiências estéticas por ele proporcionadas e, principalmente, a partir das interações sociais e culturais com o universo que do qual faz parte.

Considerações Finais

À luz das reflexões possibilitadas pela análise do mito da Caverna e dos diálogos intertextuais entre esse mito e os quadrinhos de Maurício de Souza, concluímos que o estudo do Mito de Platão, mantém a atemporalidade, universalidade e sacralidade que é própria dos mitos, assim como também mostra-nos verdades fundamentais para a formação racional e a evolução da humanidade, o que é próprio da filosofia e, que, em muito, contribui para os estudos acerca da formação e da construção da identidade docente.

Desse modo, nos cursos de formação de professores seu estudo possibilita contribuições notáveis para o desenvolvimento das reflexões que constituirão a formação e para a construção da identidade docente e, portanto, para a construção das concepções acerca de Educação, do processo de ensino-aprendizagem, de sociedade e do papel político da Educação que esse docente possuirá. E, como as concepções pedagógicas são orientadoras das ações, das práticas pedagógicas, o estudo desse mito e seus diálogos com linguagens que são mais próximas do cotidiano do graduando como os quadrinhos também oferecerão norteamentos consideráveis para o encaminhamento dos passos desses alunos em direção à luz e à construção da maiêutica socrática.

Referências Bibliográficas:

ARISTÓTELES. *Arte Poética e Arte retórica*: Rio de Janeiro: Ediouro, 2000.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Trad. Maria E. Galvão. 3ªed. São Paulo: Martins Fontes,2000.

CHEVALIER, J. *Dicionário de símbolos (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números)*. Jean Chevalier, Alain Gheerbrant, com a colaboração de: André Barbault... [et al.]; coordenação Carlos Sussekin; trad. Vera da Costa e Silva...[et al.]. 11ª ed. Rio de janeiro: José Olympio, 1997.

CHARTIER, R. *A ordem dos livros – leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Trad. de Mary Del priori – Brasília: Editora Universidade de Brasília,1999.

_____. (dir.) *Práticas de Leitura*. Trad. de Cristiane Nascimento. Estação Liberdade.

ELIADE, M. *Mito e Realidade*. Trad.de Pola Civelli. São Paulo: Perspectiva, 1972.

_____. *Aspectos do mito*. Trad. de Manuela Torres. Lisboa: Edições 70, 1989.

FABRE, D. O Livro e sua Magia. IN: *Práticas de Leitura*.

MIELIETINSK, E. M. *Os arquétipos Literários*. Trad. Aurora F. Bernardini, Homero Feitas, Arlete Cavaliere. Cotia, São Paulo. Ateliê Editorial, 1998.

_____. *A poética do mito*. Trad. de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro:

Forense universitária, 1987.

MIELIETINSK, E. M. *Os arquétipos Literários*. Trad. Aurora F. Bernardini, Homero Feitas, Arlete Cavaliere. Cotia, São Paulo. Ateliê Editorial, 1998.

_____. *A poética do mito*. Trad. de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense universitária, 1987.

PLATÃO *A República*, Introdução, tradução e notas de Maria Helena da Rocha Pereira, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.

Recebido para publicação em 20-01-12; aceito em 20-02-12